

BRINCADEIRAS EM UM CASO DE ANÁLISE INFANTIL - O PEQUENO HOMEM GALO SOB O OLHAR DE FERENCZI E DOLTO

Marcos Moura Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma experiência realizada através do uso de um caso clínico descrito por Sándor Ferenczi acompanhado por um estudo psicanalítico comparativo entre os métodos clínicos do mesmo em interposição à clínica infantil da psicanálise francesa representada aqui por Dolto. O texto traz uma apresentação do caso clínico do “Pequeno homem galo”, de Sándor Ferenczi, publicado em 1913, seguido da análise Ferencziana e análise referente à Françoise Dolto, como contribuição à literatura psicanalítica sobre a clínica infantil. O texto percorre o caminho entre a identificação estrutural, participação e ausência parental, técnicas e manejos particulares dos teóricos expostos e apontamentos de intervenções possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Pequeno Homem Galo. Perversão.

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Ibirapuera. Especialista em Psicanálise - Teoria e Técnica pela universidade do Vale do Paraíba (2019). Psicólogo pela Universidade Paulista (2017). E-mail: marcos.psicologo91@yahoo.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2459-8935>

O CASO DO PEQUENO HOMEM-GALO

Árpad tinha cinco anos de idade quando iniciou a análise com Sándor Ferenczi. Seu caso ficou registrado nos anais da história psicanalítica no texto intitulado como “Um pequeno homem galo”, publicado em 1913.

Descreve-se no texto que Árpad era vizinho de uma das colaboradoras de Ferenczi, que foi responsável por levar o caso ao seu conhecimento e contribuiu com anotações de observações diárias do garoto.

A queixa inicial era a de que o menino desenvolvera, no verão de 1910, uma fixação curiosa em galináceos, estando sempre muito interessado neles, observando-os e imitando-os com “cocoricós” e “cacarejos”, temendo a mãe que ele desaprendesse a fala (FERENCZI, 1913, p. 69).

A família de Árpad passava os verões em uma casa de veraneio na Áustria, na qual havia um grande galinheiro. Os relatos, provenientes das entrevistas familiares, descrevem que no verão de 1910, estando Árpad com 3 anos de idade, estaria urinando no galinheiro e teve seu pênis bicado por um galo². Após o ocorrido, o galo teve seu pescoço cortado, e Árpad começou passar todo o tempo que podia no galinheiro, imitando as aves e observando-as, chorando e irritando-se quando era forçado a se retirar de lá.

Quando questionados sobre a possibilidade de o garoto, em algum momento, haver sido ameaçado de ter sua genitália cortada por ocasião de toques voluptuosos, os interlocutores – Ferenczi não especifica os familiares com os quais estabeleceu diálogo –, após alguma resistência, admitiram a possibilidade de a suposição estar correta:

A resposta, dada aliás de má vontade, foi que, de fato, Árpad gostava atualmente (aos cinco anos de idade) de brincar com seu pênis, pelo que era punido com frequência e não sendo tampouco “impossível” que algum dia alguém o ameaçasse, de “brincadeira”, com a castração; aliás, era exato que Árpad tinha esse mau hábito desde “há muito tempo”; quanto a saber se já o tinha durante esse ano de latência, não podiam informar-me nada (FERENCZI, 1913, p. 71).

² Tal ponto da história permanece obscuro, pois Árpad fora socorrido pela cuidadora, a qual não trabalhava mais com aquela família, impedindo assim a confirmação de que haveria de fato um ferimento na genitália do garoto ou se ela haveria feito um curativo apenas para tranquilizá-lo de um susto. Como psicanalistas permaneceremos apoiados no conteúdo da realidade psíquica.

A experiência analítica direta que Ferenczi teve com o jovem paciente não se mostrou produtiva. Durante o contato que tiveram no gabinete, Árpád se interessou por um bibelô de cobre em formato de galinha. Fez um desenho de um galo, mas perdeu o interesse rapidamente. A partir disso o analista adotou uma abordagem diferente, através de supervisão de sua colaboradora, que passou a observar o garoto por horas, fazendo anotações e intervenções. Através das observações confirmaram-se várias das informações já recebidas, bem como foi possível o acesso a outras até então ocultas.

Árpád desenhava aves com grandes bicos, adorava canções que tratavam de aves, e suas brincadeiras consistiam em fazer galos, fossem de jornal ou simbolizados por legumes, e degolá-los. Adorava ficar na cozinha assistindo as cozinheiras depenarem aves e festejando o momento da degola, mas tinha muito medo das aves vivas.

Um ponto, porém, que é importantíssimo à análise, é o sentimento de ambivalência constatado na observação de Árpád. Ele agia com toda a expressão de seu sadismo contra as figuras dos galináceos, mas, após o ato, acariciava-os, e tentava restituí-los de vida.

Chorou quando não conseguiu reparar uma ave feita de jornal, zangou-se quando não conseguiu cortar o pescoço de uma galinha de brinquedo, jogando-a em uma panela, mas, arrependido, acolheu-a com carícias. Quando acariciava uma ave morta, foi questionado se gostaria que ela acordasse, sua resposta foi: “E como! Eu mesmo o degolaria na hora” (FERENCZI, 1913 p. 73).

É agressivo também com seus semelhantes, visando sempre a região genital e os olhos, demonstrando-se sempre interessado em quais fenômenos capazes de causar cegueira. Em outra ocasião, relata a ameaça de cortar a cabeça de uma menina, colocá-la em cima de sua barriga e comê-la. Afirma também que gostaria de comer “*mamãe escabeche* (por analogia com o frango escabeche)” (FERENCZI, 1913 p. 75, grifo do autor).

Contudo, não se observaram apenas atos e fantasias derivadas de um sadismo exteriorizado, mas também de um sadismo contra si próprio, ou, se preferirem, um masoquismo.

Logo após a alusão a cozinhar e comer sua mãe, Árpád diz desejar ter seu pé quebrado e queimado. Tem também grande preocupação e interesse com as

questões de morte, divindades, templos e velhos judeus³, que denomina de “galos-mendigos”.

Outro ponto descoberto durante a observação foi o de que, na mesma manhã em que dialoga sobre a questão das divindades, almas e anjos, fora ameaçado de ter seu pênis cortado após a arrumadeira tê-lo descoberto praticando onanismo por baixo de um lençol. Embora a analista tenha tentado tranquilizá-lo, não houve efeito:

Descobriu-se, em seguida, que nessa mesma manhã a arrumadeira tinha erguido bruscamente o lençol da cama de Árpád e, vendo-o mexer no pênis, ameaçara-o de cortá-lo. A vizinha esforçou-se por tranquilizar a criança, assegurou-lhe que não lhe fariam mal nenhum e que, aliás, todos os meninos faziam a mesma coisa. Ao que Árpád replicou, indignado: “Não é verdade! Todas as crianças, não! *O meu papai nunca fez isso!*” (FERENCZI, 1913, p. 76, grifos do autor).

Outro fato notado sobre o interesse de Árpád pelo galinheiro, foi a saciedade de sua curiosidade quanto aos mistérios genitais, saber o que lhe fora negado pelos adultos, mas que os “animais prestativos” lhe revelavam de bom grado (FERENCZI, 1913, p.75).

O último fator a ser aqui lembrado sobre a descrição que Ferenczi faz do caso é a capacidade associativa do garoto. O autor fala abertamente sobre as possíveis dificuldades de interpretação do material analítico caso o paciente fosse um adulto dotado de recalque.

No caso de Árpád, ele fala abertamente que seu pai é um galo, a mãe uma galinha, e ele, um pinto. Fala também sobre uma cronologia, na qual, quando crescer, se tornará uma galinha, depois um galo, e depois um cocheiro “(O cocheiro que conduz a viatura parece impressioná-lo ainda mais que seu pai.)” (FERENCZI, 1913, p. 75, parênteses do autor).

Árpád também verbaliza seu desejo de se casar com várias mulheres, desejando “tornar-se o ‘galo da aldeia’” (FERENCZI, 1913, p. 76).

A ANÁLISE DE FERENCZI

Como vimos, Sándor Ferenczi não relata progressos sobre o caso ou mesmo um

³ Ferenczi não esclarece sobre a convicção religiosa de Árpád ou da família, mas, frente a esses relatos, e a sua nacionalidade (húngaro), acreditamos que seja de família judia, o que enriquece ainda mais a questão simbólica do caso.

desfecho, sendo necessário recorrer à sua bibliografia, para, dessa forma, produzir uma análise em seus moldes.

Conforme citado anteriormente, Ferenczi fazia uso da técnica freudiana acrescentando métodos próprios conforme as necessidades e especificidades de cada caso, o que também permite ocasionalmente recorrer a Freud nesse caminho.

Partindo inicialmente do conteúdo observável, pode-se compreender que, embora levada a sério, a identificação com os galináceos ocorre sob o prisma do brincar, uma vez que Árpád ainda reconhece a esfera da realidade. Freud (1908 [1907], p. 135) explica:

A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o 'brincar' infantil do 'fantasiar'.

Mais à frente, Freud (1908 [1907]), p. 137) completa: “o brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto”.

Dessa forma, pode-se compreender a dimensão da brincadeira como *Verneinung*, negação à castração, uma vez que a criança se utiliza dela para a realização de seu desejo de “ser adulto”, sem, no entanto, cindir o reconhecimento da realidade, embora o uso de recursos fantasísticos possa implicar em uma possível *Verleugnung*, recusa/denegação da castração.

Voltando a Árpád, pode-se notar que o garoto, embora de personalidade “insolente” (FERENCZI, 1913, p. 72), preserva a consciência da diferenciação entre o brincar e a realidade, e possui um desejo de algo que vai para além de si, além dos afetos ambivalentes. Essas informações, aliadas ao uso da brincadeira como recusa da castração, nos permitem afirmá-lo dentro do campo das perversões.

Outro ponto importantíssimo, no que concerne à análise aqui proposta, é a ausência presente das figuras parentais de Árpád. No texto original não se encontra nenhuma referência de contato direto entre ele e os pais, sendo as poucas citações de contato com adultos entre a criança e as empregadas, carregadas de impessoalidade ou temor de castração. Segundo Ferenczi (1929, p. 58) “crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado”.

Embora o sintoma de Árpád possa ser situado no campo da repetição, sem saber se, de fato, o trauma primário fora o episódio em que o galo bicou seu pênis ou essa cena

possa ser também carregada como um significante que tem sua origem em uma cena mais primitiva, a criança não possuía um ambiente propício ao acolhimento necessário à perlaboração do trauma.

Nessa questão, a compreensão de Ferenczi (1931, p. 90) quanto à traumatogênese é essencial:

Isso nos permite entrever o que constitui o mecanismo da traumatogênese: em primeiro lugar, a paralisia de toda a espontaneidade, logo de todo o trabalho de pensamento, inclusive estados semelhantes aos estados de choque, ou mesmo de coma, no domínio físico, e, depois, a instauração de uma situação nova – deslocada – de equilíbrio: Se conseguimos estabelecer o contato, mesmo nesses estágios, ficamos sabendo que a criança, que se sente abandonada, perde por assim dizer todo o prazer de viver ou, como se deveria dizer com Freud, volta a agressão contra a sua própria pessoa.

Ainda com Ferenczi (1931, p. 91), amplia-se aqui a percepção sobre o trauma e seu caráter patogênico antes de prosseguir às formulações:

As falas apaziguadoras e cheias de tato, eventualmente reforçadas por uma pressão encorajadora da mão e, quando isso se mostra insuficiente, uma carícia amistosa na cabeça, reduzem a reação a um nível em que o paciente volta a ser acessível. O paciente relata-nos então as reações inadequadas dos adultos, diante de suas manifestações por ocasião de choques traumáticos infantis, em oposição com a nossa maneira de agir. O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna um traumatismo patogênico. Tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade.

Assim sendo, propõem-se aqui que o trauma se estabelece sob um viés de três tempos:

Primeiro: Tempo do indizível: logo em sequência ao evento traumático, a criança vive uma pequena entrada na psicose por consequência do choque.

Segundo: Tempo do testemunho: a criança procura o adulto para poder expressar-se, à sua maneira, sobre o evento, visando a descarga da libido aprisionada via ab-reação.

Terceiro: Tempo do desmentido: o adulto não acolhe a criança ou nega-lhe a possibilidade de simbolizar o traumatismo, usando-se da negação perversa (*verleugnung*), provocando a quebra da confiança.

Logo, com Ferenczi, pode-se afirmar que a compulsão à repetição baseada no evento traumático consiste em uma regressão do estágio 3 ao estágio 2 até que se

consiga atingir a ab-reação e a descarga da libido, e que o trabalho do analista, nesse caso, é possibilitar a correta simbolização.

Outro ponto valiosíssimo para a discussão é o uso do caso por Freud em “Totem e Tabu” como recurso de apoio para a exposição do totemismo infantil:

Pode-se com justiça dizer que nessas fobias de crianças reaparecem algumas das características do totemismo, mas invertidas para o negativo. Devemos, entretanto, a Ferenczi (1913) uma interessante história de um caso isolado que só pode ser descrito como um exemplo de totemismo positivo numa criança. É verdade que no caso do pequeno Árpád (sujeito da comunicação de Ferenczi), seus interesses totêmicos não surgiram em relação direta com o complexo de Édipo, e sim baseados em sua pré-condição narcisista, o temor da castração (...) A primeira consequência de nossa substituição é notabilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago - não matar o totem e não ter relações sexuais com suas fêmeas, os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. Se essa equação for algo mais que um enganador truque de sorte, deverá capacitar-nos a lançar luz sobre a origem do totemismo num passado inconcebivelmente remoto. Em outras palavras, nos permitirá provar que o sistema totêmico - como a fobia de animal do pequeno Hans e a perversão galinácea do pequeno Árpád - é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo (FREUD, 1913, p. 135).

Freud estabelece assim como “totemismo infantil” essa tendência na qual a criança tende a deslocar a figura do pai a um animal, enquanto o adjetivo “negativo” é usado para compor o quadro no qual a criança desenvolve a fobia do animal em expressão ao temor do pai, a exemplo do caso do pequeno Hans.

Dessa forma, Árpád é rotulado como um “caso raro de totemismo positivo”, visto que seu afeto para com os galináceos não é fóbico, mas ambivalente, marcado por um grande interesse e tendências sádicas.

Sobre isso, Ferenczi esclarece: “De acordo com a demonstração de Freud, podemos admitir que *o culto e o sacrifício de animais* são manifestações deslocadas de afetos ambivalentes (respeito e temor) (FERENCZI, 1913, p. 74, grifos e parênteses do autor).

Mieli (2012) completa:

Do ponto de vista das vicissitudes da pulsão, como uma consequência do trato com a diferenciação sexual e a interdição edípica, uma diferença estrutural distingue o comportamento do Pequeno Hans (FREUD, 1908) e o do Pequeno Árpád (FERENCZI, 1913). Enquanto o pequeno Hans, confrontado à ameaça de castração, submete-se à proibição edípica, recalca suas pulsões e desenvolve uma fobia a cavalos, Árpád não apenas tem medo de galos. Na verdade, denegando a interdição edípica, desafiando seu poder, Árpád age, ele mesmo, como um galo, ele literalmente se torna um galo, destronando seu pai – tanto reconhecendo como negando sua função

simbólica. O medo de galos que Árpád apresenta, constitui um resíduo fóbico, o reverso da própria denegação que lhe permite efetuar sua satisfação sem recalque.

Uma via possível para pensarmos a transferência entre analista e analisante na teoria ferencziana é, a partir da clínica da perversão, uma comunicação baseada na figura paterna criada por Árpád, através da técnica de “Fantasias provocadas” (1924) que consiste em convidar o analisante a fantasiar sobre questões que sejam julgadas com valor analítico.

Sobre as fantasias provocadas, Ferenczi (1924, p. 264) estabelece que os três tipos de fantasias às quais se deparou na atividade clínica foram: “1. Fantasias de transferências negativas e positivas; 2. Fantasias relativas a lembranças infantis; 3. Fantasias masturbatórias”.

Embora o texto original cite a prática direcionada à clínica da neurose, quando Freud estabelece o diagnóstico de “caso raro de totemismo positivo”, acredita-se ser possível instaurar a relação transferencial através da fantasia de transferência positiva fazendo-se uso do elemento eleito como pai substituto: os galináceos.

Podemos desta forma compreender que Árpád não teve a oportunidade de simbolizar corretamente o traumatismo da castração, que, embora seja um evento para nós obscuro, a hipótese acaba por ser reforçada devido ao distanciamento notável entre o garoto e os adultos que deveriam apoiá-lo.

Estando o garoto impossibilitado de ab-reagir ao evento traumático, e possivelmente traído por suas figuras parentais na tentativa primeira de simbolismo, ele encontra a capacidade de desenvolver a estrutura perversa sadomasoquista através da recusa/denegação, por via do brincar e expressa através do totemismo positivo, da castração que lhe fora constantemente imposta sem qualquer afabilidade.

Esse evento ocorre através do que Ferenczi (1933) denomina como “confusão de línguas”, uma vez que adultos e crianças falam linguagens diferentes, e o trauma se instaura através da incapacidade do adulto acolher a criança em sua necessidade simbólica. A intervenção consistiria em instaurar a castração paralelamente ao acompanhamento da comunicação entre o garoto e os pais, de modo que ao primeiro fosse concedida a oportunidade de simbolização e ab-reação.

A ANÁLISE DOLTONIANA

Dentre os conceitos doltonianos centrais, destacam-se a imagem do corpo e o esquema corporal. No que tange esses conceitos, Dolto (2010, p.14) afirma que:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, respectivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu.

Assim, pode-se dizer que a imagem do corpo é a memória inconsciente de toda a vivência relacional, e ao mesmo tempo ela é atual. Nesse sentido, é necessário ter uma breve explicação sobre o esquema corporal.

Para Dolto (2010, p.10) o esquema corporal é:

uma realidade de fato, sendo de certa forma nosso viver carnal no contato com o mundo físico. Nossas experiências de nossa realidade dependem da integridade do organismo, ou de lesões transitórias ou indelévels, neurológicas, musculares, ósseas e também, de nossas sensações fisiológicas viscerais, circulatórias.

Dolto (2010, p. 15) explicita que é por meio dessa imagem do corpo, sustentada pelo esquema corporal que o indivíduo entra em comunicação com o seu meio. Nesse sentido, observa-se que Árpád se vê como um galo. Essa imagem é derivada da estrutura perversa que se constitui através da outra versão do pai, que é simbiótica à imagem do próprio eu.

De acordo com Soler e Bernardino (2012), a análise com crianças precisa de uma teorização particular, visto que a demanda, a transferência e o fim de análise vão ser atravessados pelas variações de um sujeito ainda em constituição. Além do desejo da criança, há o desejo dos pais. Desejos estes que os envolvidos no processo desconhecem e que estão presentes na análise, que no caso de Árpád permanecem obscuros.

Costa (2007, p.70) ressalta que a abordagem psicanalítica de Dolto “centrou-se na escuta do inconsciente e nos traumas genealógicos”. Propõe, então, a hipótese de que a criança adoece do inconsciente dos pais, isto é: "uma criança herdeira de nossas dívidas de adultos, uma criança sintomática do que permaneceu atado às gerações que a precederam" (CIFALI, 1989, p.65).

Em suma, a criança se constitui como sujeito através da fala dos pais, de como eles vivenciaram e resolveram (ou não) o complexo de Édipo. Dessa forma, o sintoma

da criança é o sintoma dos pais. E o sintoma familiar, no presente caso, pode estar constituído através do presente abandono parental.

Por essa razão, na técnica aplicada por Françoise Dolto, é indispensável a presença dos pais nas primeiras entrevistas. Deste modo, na entrevista preliminar com os pais, juntamente com Árpád, comentar-se-iam as palavras parentais, articuladas diante da criança, dando a entender que há uma má compreensão de sua parte.

Ainda na primeira entrevista, “a orientação é de que a criança faça um desenho ou outro trabalho, instalada em uma mesa, e ao se falar com os adultos, presta-se atenção ao modo como a criança reage” (SOLER & BERNARDINO, 2012, p.210).

A essa altura, nota-se que na presente técnica analítica a preocupação do analista deve ser estabelecida na confiança e na substituição da associação livre pela oferta de materiais, tais como massas de modelagem e desenhos para que se realize a comunicação com o paciente dando a ele o lugar de fala, tudo visando a fala da criança e dando sempre a ela o lugar de sujeito – um ser autônomo e responsável.

Sobre o desenho, Dolto (1988, p.132) entende que por meio deles é possível adentrar “no âmago das representações imaginativas do paciente, da sua afetividade, do seu comportamento interior e do seu simbolismo”.

Dolto (2010, p.6) elucida o ponto da seguinte forma:

De início, ela parece desenhar uma cena; mas na realidade, pela maneira como ela própria interpreta, fala de seu desenho, prova que por meio desta encenação gráfica ela mediatiza pulsões parciais de seu desejo, em luta com pulsões parciais de seu desejo em um outro nível. Tais níveis da psique são os que Freud descreveu como: “EU”, “Eu Ideal” e “Super Eu”. E a energia que é posta em jogo nos cenários imaginários que são estes desenhos ou estas modelagens, nada mais é senão a libido que se expressa por seu corpo, quer passiva, quer ativamente – passivamente em seu equilíbrio psicossomático, ativamente na relação com os outros.

Assim sendo, o relato do desenho realizado por Árpád no gabinete de Ferenczi, que consistia em uma “ave com grande bico” (FERENCZI, 1913, p. 71), conduz à compreensão da perversão, compreendida como uma simbiose entre a imagem do eu e a outra versão do pai (perversão), como extremamente fálica.

No entanto, ela deixa claro que o desenho serve para orientar as conversações e intervenções, não para fazer interpretações diretas. Procura-se “escutar, olhar, observar, sem deixar escapar o mínimo detalhe, os gestos, as expressões, mímica, palavras, lapsos erros e desenhos espontâneos” (DOLTO, 2010, p. 132-133).

Na relação da criança com o psicanalista, abre-se a possibilidade da transferência - “situação de adesão afetiva ao psicanalista, que se converte num personagem, e dos mais importantes, do mundo interior da criança, durante o período de tratamento” (DOLTO, 2010, p.133). É por meio da transferência que “o analista pode estudar os mecanismos inconscientes do indivíduo, seu comportamento frente ao psicanalista, participando daquilo que ele, o paciente, tem em relação à outra pessoa” (DOLTO, 2010, p.147).

Soler e Bernardino (2012, p.214) destacam que a transferência pode acontecer na relação com os pais. Em suas palavras: “há tratamentos que provocam aflição em um dos pais que fica abalado demais com a melhora do filho. Esses pais que não suportam a mudança dos filhos também precisam de ajuda”.

Dolto (1988) não hesita, também, em fazer pontuações e questionamentos para os pais desde as entrevistas preliminares. Essas pontuações, no entanto, são construções em análise e não discursos educativos.

Tendo em vista que os pais de Árpád são destituídos de autoridade, característica necessária à castração, as pontuações doltonianas consistiriam em ações que visassem a restituição dos papéis de atuação parental no sistema familiar.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, vê-se que os métodos e técnicas psicanalíticas evoluem e são refinadas ao longo do tempo. Ferenczi, por exemplo, ao analisar Árpád utiliza a técnica de desenhos; porém, sem sucesso.

Ele se limita a ouvir as observações de uma vizinha de Árpád, mas não se preocupa em falar com os pais. Ao que parece, Ferenczi parte do pressuposto de que a criança deve ser analisada.

Dolto, em contrapartida, percebe que o sintoma familiar é o sintoma da criança. Por essa via, preocupa-se em ouvir os pais, direcionar as palavras à criança e, em havendo necessidade reposicionar e/ou orientar os pais no trato com a criança.

Contudo, é digno de nota que Ferenczi traz uma inovação à psicanálise: a possibilidade de analisar com crianças, algo indesejado pelo pai da psicanálise. Como se sabe, o trabalho analítico com crianças é, mais tarde, desenvolvido e ampliado por Ana Freud, Klein, Winnicott, Dolto e Mannoni.

Não se sabe se a perversão galinácea de Árpád caminhou para uma perlaboração. No entanto, é possível crer que, uma vez que a psicanálise avançou muito desde Ferenczi, o caso de Árpád poderia ter um desfecho no mínimo interessante.

REFERÊNCIAS

- CIFALI, M. Da hipnose à escuta. In: M. Cifali, *Seguindo os passos de Françoise Dolto*, B. Sidou, trad., pp. 47-69. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- COSTA, T. *Psicanálise com Crianças*. Coleção passo-a-passo. v. 75. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- DOLTO, F. *Psicanálise e pediatria*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1988. (Trabalho original publicado em 1971).
- DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FERENCZI, S. Um pequeno homem-galo (1913). In: _____. *Psicanálise II*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 69-76. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 2).
- FERENCZI, S. As fantasias provocadas (1924). In: _____. *Psicanálise III*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-270. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 3).
- FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). In: _____. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).
- FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos (1931). In: _____. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-96. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). In: _____. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-135. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]). In: _____. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos* (1906~1908). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-148. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9).
- FREUD, S. Totem e tabu (1913 [1912-13]). In: _____. *Totem e Tabu e outros trabalhos* (1913~1914). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 21-163. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).
- MIELI, P. Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 34, n. 63, p. 91-102, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2021.

SOLER, V. T.; BERNARDINO, L. M. F. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 206-227, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2021

JOKES IN A CASE OF CHILD ANALYSIS – THE SMALL COCK MAN IN THE VISION OF FERENCZI AND DOLTO

ABSTRACT

The present work is the result of an experiment carried out through the use of a clinical case described by Sándor Ferenczi accompanied by a comparative psychoanalytical study between the clinical methods of the same in interposition to the infantile clinic of the French psychoanalysis represented here by Dolto. The text presents a presentation of the clinical case of Sándor Ferenczi's "Little Gallic Man", published in 1913, followed by Ferenczian analysis and analysis of Françoise Dolto, as a contribution to the psychoanalytic literature on children's clinic. The text travels the path between structural identification, parental participation and absence, particular techniques and management of the exposed theorists and notes of possible interventions.

KEYWORDS: Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Small Cock. Perversion.

JOUER DANS UN CAS D'ANALYSE D'ENFANT - LE PETIT HOMME BITE SOUS LE REGARD DE FERENCZI ET DOLTO

RÉSUMÉ

Le présent travail est le résultat d'une expérience réalisée à travers l'utilisation d'un cas clinique décrit par Sándor Ferenczi accompagné d'une étude psychanalytique comparative entre ses méthodes cliniques en opposition à la clinique de l'enfant de la psychanalyse française représentée ici par Dolto. Le texte présente une présentation du cas clinique du «Petit homme coq», de Sándor Ferenczi, publié en 1913, suivi de l'analyse et de l'analyse Ferencziana faisant référence à Françoise Dolto, comme contribution à la littérature psychanalytique sur la clinique infantile. Le texte parcourt le chemin entre l'identification structurelle, la participation et l'absence parentale, les techniques et managements particuliers des théoriciens exposés et des notes d'interventions possibles.

MOTS-CLES: Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Petit homme Coq. Perversion

RECEBIDO EM 16/01/2021

APROVADO EM 25/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseenbarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO